

REPRESENTAÇÕES DE PODER EM *MAYOMBE*: “OS HOMENS SERÃO PRISIONEIRO DAS ESTRUTURAS QUE TERÃO CRIADO”¹

Carolina Bezerra Machado²

Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tucas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra essa injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos (Pepetela 2013, 47).

Introdução

A passagem destacada acima, referente ao romance *Mayombe*, na qual o personagem “Milagre” assume a primeira pessoa da narrativa é fundamental para repensarmos o processo de criação do Estado em Angola, a partir das disputas políticas internas que ocorriam ainda durante o período colonial e que se estenderam para o pós-independência. As controvérsias sobre o nacionalismo e a identidade angolana eram tecidas a partir de diferentes interesses entre os grupos que disputavam o poder político, que ao seu modo, a partir da desqualificação dos outros, se autoproclamavam como genuinamente angolanos. A política de favorecimentos, pautada por privilégios aos mais próximos, os casos de corrupção, as diferenças ideológicas e as disputas regionais que caracterizarão o pós-independência em Angola, também já se faziam presentes na luta anticolonial, por mais que ainda

¹ O presente artigo faz parte de uma pesquisa maior que resultou na tese de doutorado da autora.

² Departamento de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lowbezerra@gmail.com

parecesse haver tempo de consertá-las e manter o sonho de uma sociedade mais igualitária e democrática pungente.

Escrito durante a guerrilha, mas publicado somente em 1980, período em que havia um discurso político de mobilização nacional, a partir da defesa da construção de um *Homem Novo*, o livro traz ainda um debate enriquecedor sobre as fissuras étnica e racial que existiam dentro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), mas, também, na sociedade angolana. À medida que a proposta aqui é abordar as relações de poder e de micropoderes que se construíram entre o Estado e a sociedade angolana no pós-independência por meio da leitura de *Mayombe*, é válido retomarmos estes temas. Nota-se o quanto as tensões de ordem étnica e racial permaneceram no âmbito político após a independência do país e contribuíram, de modo significativo, para a estruturação política de Angola, guiada pelo MPLA, que buscava se desvincular desses debates, diminuindo-os e tratando-os à margem. Afinal, a tensão que cercava esse discurso contribuiu para o acirramento político entre os movimentos nacionalistas e para a mobilização da guerra civil, indissociável do processo de formação do Estado angolano pós-colonial.

Ao compreendermos que, assim como a nação, a construção de um Estado não deve ser vista como algo natural, mas como artificial e passível de disputas políticas, é fundamental nos debruçarmos sobre a formação do Estado angolano após a independência, assim como os principais atores envolvidos nesse processo, os limites desse novo Estado, as permanências coloniais e o papel que o MPLA desempenhou na política do país. O fim do colonialismo em Angola não trouxe a paz desejada, mas uma nova instabilidade política com um cenário de guerra entre os principais movimentos nacionalistas que disputavam o poder. Nesse sentido, é importante destacarmos o quanto as disputas étnicas e raciais, assim como os diferentes componentes sociais e econômicos, ainda criados sobre o jugo colonial permaneceram e contribuíram para as fragilidades do Estado. Para Bittencourt, essa “incapacidade de unificar as forças nacionalistas” tem relação com os “contextos históricos construídos na vivência colonial”, fragmentada e desigual (Bittencourt 2015, 231).

Levando em consideração estas questões, devemos notar as tensões sociais que caracterizaram a formação do Estado após o processo de independência, pois as complexidades provindas das diferenças históricas dos grupos sociais que compunham a sociedade angolana, a partir de suas trajetórias e vivências em diferentes espaços sócio-culturais, contribuíram para a coexistência de diferentes projetos nacionais. Diante disso, as disputas sobre o político também serão permeadas por conflitos que fizeram parte da formação do Estado angolano. Em recente pesquisa, Catarina Antunes (2009) propõe

analisar como o MPLA se consolidou no governo, mesmo em meio a diferentes projetos políticos existentes, tanto internamente quanto pela oposição. Para isso, reflete sobre o caráter autoritário que o movimento passou a representar, à medida que constantes ameaças passaram a estar presentes. Todavia, para refletir sobre as contradições entre as relações políticas de Angola, se vale também de uma análise do Estado colonial para compreender as continuidades existentes no período pós-colonial, em que as diferenças permaneceram e abriram espaço para novos conflitos (Antunes 2009, 67-69).

Os romances de Pepetela e sua trajetória junto à política de Angola

Assim, a escolha pela análise sobre as relações de poder em Angola após a independência a partir de *Mayombe*, romance produzido durante a guerrilha travada em Cabinda em 1971, portanto escrito ainda durante o período colonial, justifica-se pelo debate sobre o político em Angola que já acompanhava a obra. As reflexões, assim como as disputas travadas entre os guerrilheiros-personagens do livro apontam para a construção de uma realidade política que vai ser fundamental para compreendermos as relações que se estabelecem no pós-independência. Além disso, ainda devemos estar atentos às possíveis escritas e/ou reescritas que podem conter o livro, visto que sua publicação se deu apenas em 1980, um período de grande embate político entre os grupos que rivalizavam o poder no país. Conforme ressalta Fábio Baqueiro (Maria 2011), em *Mayombe* serão trabalhados diversos temas delicados, em que o tom crítico é elevado, por mais que não possamos apontar para uma ruptura, pois a defesa de um projeto de reconstrução ainda pautado pelo MPLA é evidente. Em entrevista ao historiador, Adolfo Maria relembra que foi um dos primeiros leitores do romance:

Obrigatoriamente, fui. Fui porque éramos muito amigos, e eu fiz até a crítica dele, eu li o *Mayombe* escrito a máquina, que escrevia naquele tempo. [...]

E mais que esse *Mayombe*, ele quando foi pra o Leste deixou-me guardado. Quando cheguei a Luanda — [...] estávamos em campos opostos, mas nunca deixamos de ter relações — ele perguntou-me: “tu tens ainda? que o meu...perdi o meu”. E eu dei-o. [...]

E eu gostava de ter esse manuscrito, hoje — para comparar com aquilo que foi publicado. Porque li o *Mayombe*, este *Mayombe*, impresso, tem menos força do que o manuscrito que eu li. Nos conflitos de pessoas etc., nos conflitos d’alma, de espírito, [...] a trama era mais complicada

e, digamos, a crítica do ambiente e do contexto era mais explícita. [...] Fiquei com a sensação, e depois disse: “que pena, se tivesse o manuscrito, podia comparar”. Mas pronto, ele foi lá buscar, e aquilo era dele, e eu dei. “Tu trouxeste? Tu guardaste?” — “Trouxe.” — “Ah!”. Pronto (Maria 2012).

A partir da entrevista surge um questionamento sobre as possíveis interferências externas que poderiam ter levado à uma reescrita ou uma readaptação de alguns momentos-chave do romance. De todo modo, como o escritor já ressaltou, as críticas políticas contidas nele partiam do ponto de vista de um militante que enxergava os problemas internos e apontava os defeitos e contradições existentes que deveriam receber maior atenção. A escolha por abordar alguns temas delicados da política angolana, que antecede alguns dos conflitos políticos que se estabeleceram no país após a independência, geraram questionamentos, algumas vezes respondidos em entrevistas, as quais o escritor retoma a realidade dos países africanos vizinhos, cujo processo de independência não garantiu a estabilidade política, mas sim novas disputas pelo poder para justificar alguns temas abordados na obra. Em 2016, Pepetela esteve na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a convite do Setor de Literaturas Africanas do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade. No encontro, após ser questionado sobre a crítica que já aparecia em *Mayombe* sobre a formação do Estado angolano no pós-independência, responde que seria fácil prever a burocratização do país ao levarmos em consideração a experiência dos países africanos de partido único, ainda mais que essa experiência era baseada na tradição dos países socialistas da Europa. Para Pepetela dentro daquele contexto de independências seria inviável uma saída política democrática³.

Todavia, não cabe aqui debater se determinado tema foi escrito em 1971 ou em 1980, mas sim compreender o impacto que uma obra como essa tem nas disputas sobre o político, assim como em que medida ela contribui para uma análise das relações de poder em Angola após a independência a partir da sua publicação. Mediante a leitura de *Mayombe* somos envolvidos em uma realidade política de denúncia às aproximações entre o “tribalismo” e às disputas de poder, assim como entre as questões étnicas e a política de favorecimentos já existente nas matas, o que será um dos principais problemas enfrentados posteriormente, daí a importância da análise. Essas questões aparecem como empecilhos à construção da nação, mas também ao fortalecimento do Estado. São críticas a um sistema político que já nasce deturpado,

3 Pepetela em palestra na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 21/06/2016.

com conflitos internos que ultrapassarão esse momento e estarão presentes nos anos 1980, alcançando ainda as disputas entre os movimentos.

Por outro lado, também podemos reconhecer o sentido didático da crítica e a defesa pela renovação interna do movimento à medida em que os opositores políticos do MPLA são desqualificados e a defesa da construção de um *Homem Novo* é ressaltada⁴. Mas um dos debates que cabe aqui aprofundar e, para isso retomar o romance, é a preocupação já existente com o autoritarismo de um sistema político que aparece em alguns personagens, embora também seja evidente as reformulações internas propostas por Pepetela ao longo da narrativa, que deve ser pensada em diálogo com o momento da publicação, principalmente ao notarmos momentos reflexivos sobre a estrutura política do movimento a partir de passagens que aparentam uma referência a decisões políticas de caráter autoritário frente às dissidências políticas que no momento da publicação já eram uma realidade, como a Revolta do Leste (1972), a Revolta da Ativa (1974) e o Movimento Nitista (1977).

Em diversos momentos do romance, o político é amplamente debatido. Por algumas páginas somos envolvidos nas relações políticas dos militantes por meio de suas ambiguidades, anseios e contradições. A partir de um desentendimento surgido entre o Comandante Sem Medo, protagonista do livro e o Comissário Político, outro importante personagem e principal interlocutor de Sem Medo, as reflexões sobre o político são elevadas. Tudo inicia quando o Comissário chama a atenção do Comandante na frente dos demais guerrilheiros, provocando um mal-estar por romper os padrões de hierarquia e voltar-se contra a atitude de um superior. O pedido de desculpa do Comissário leva a uma série de debates, em que Sem Medo defende a liberdade para criticar, assim como a democratização do ambiente político: “Os guerrilheiros devem habituar-se a ouvir os responsáveis criticarem-se e verem que isso não vai provocar problemas entre eles” (Pepetela 2013, 113). E o Comissário retruca:

4 Nos primeiros anos da Angola independente, o MPLA, movimento que saiu na frente na construção de uma imagem nacional para o recém criado Estado angolano, passou a defender o surgimento do *homem novo*, que não deveria ser apegado a concepções étnicas, tribais e/ou religiosas. O tradicional passava a ser visto como negativo, o desenvolvimentismo da nova nação deveria estar atrelado à ruptura com as etnias, regionalismos, racismo e religiões. Tradição e modernidade apareciam como pólos extremos e um problema a ser superado (Bittencourt 2010).

– Foi um gesto impensado, está errado. As críticas devem ser feitas em reunião do Comando ou em privado. Foi assim que sempre se disse.

– Pois aí é que está o mal – disse Sem Medo. – As coisas passam-se entre os responsáveis. Se há roupa suja a lavar, é preciso que o militante não saiba, ela é levada na capelinha. (...) Como ensinas então os guerrilheiros a criticar e a ser sinceros, e a controlarem os responsáveis, se na prática não lhes dás exemplos? (Pepetela 2013, 113).

A comparação que Pepetela faz de um Partido a uma capela no decorrer do debate aponta para os silenciamentos que cercam as relações internas do MPLA. Nota-se a partir dessa passagem, a restrição às liberdades políticas, negando o direito à diferença, ao pluralismo e à democracia, deixando de respeitar inclusive o indivíduo. Essas práticas contribuíam para o fortalecimento de uma política autoritária e desigual. Essa referência aparecerá em outros momentos do romance, assim como também fará parte do romance *A Geração da Utopia* (1992). Portanto, a “religiosidade” do projeto político propõe, nesse sentido, fazer referência à criação de um Partido ligado a uma verdade que se coloca absoluta e intolerante às diferenças (Mata 1993, 267). Ao ser indagado sobre a constante relação da teoria socialista com a Igreja católica nos seus romances, Pepetela responde:

É muito curioso que a estrutura da Igreja Católica seja tão semelhante, embora com nomes diferentes, da estrutura dos Partidos Comunistas (o sínodo dos cardeais e o comité central, a infalibilidade do líder, os Concílios de um lado, os congressos do outro, etc.) Dá ideia que os partidos sociais-democratas do Século XIX se inspiraram nessa estrutura da Igreja. Claro que sobre a Verdade Única, ou Única Religião Verdadeira e a única teoria verdadeira da sociedade, caindo muitas vezes no totalitarismo e na intransigência mais fundamentalista, também existem similitudes estranhas. Marx tem uma frase (não a tenho presente por isso só posso dar a ideia e não a citação) em que se declarava fascinado pelo religioso que estava contido na política (Pepetela 2017).

Esses apontamentos refletem a falta de consenso acerca da teoria socialista dentre os membros do MPLA. Sempre houve uma tensão, que por vezes repercutiu em rompimentos e afastamentos entre os militantes do Movimento. Lendo os romances de Pepetela podemos acompanhar as diferentes relações que se estabeleceram entre os homens do partido, assim como entre a sociedade e o socialismo, as representações dessas relações remontam a acomodações de interesses que foram ambíguas. Conforme esclarece Nuno

Vidal (2016), podemos identificar dentro do MPLA a existência de uma ala progressista socialista, liderada por homens públicos de grande importância para o Movimento, como Lúcio Lara, Carlos Dilowa, Iko Carreira e Antônio Jacinto, defensores de um socialismo marxista que exaltava uma posição ideológica revolucionária, e um outro grupo, com o qual disputavam espaço, que defendia uma política econômica mais flexível e, incrédulos ao socialismo marxista, defendiam “um sistema de liderança nacionalista” que estivesse em diálogo com a cultura e a tradição do país.

Podemos destacar nessa última ala homens como Agostinho Mendes de Carvalho, Domingos Paiva da Silva e Manuel Pacavira. Essa bipolaridade institucional será muito bem articulada por Agostinho Neto que colocará em funcionamento “um sistema de gestão de equilíbrios do poder baseado na rotação de nomeações para as posições do topo no partido e Estado” (Vidal 2016). Os interesses políticos do sistema ficavam assim assegurados e eram controlados por Neto de modo pragmático, formando um “carrossel patrimonial de posições”. Destaca-se ainda o quanto essa divisão carrega consigo a questão racial. Enquanto o primeiro grupo era formado, sobretudo, por brancos e mestiços e possuíam um grau de instrução educacional relativamente mais elevado, o segundo, era constituído por uma base negra M'bundu (Vidal 2016).

Portanto, é interessante conhecermos esse cenário para compreendermos as disputas políticas que faziam parte da escrita de Pepetela (2017). O escritor se coloca como defensor da liberdade, da igualdade e dos valores dos indivíduos, mas ao mesmo tempo era a favor de uma estrutura política socialista, que como já afirmou algumas vezes, se aproximaria de um socialismo utópico, pois era muito crítico ao modo como o socialismo foi erguido e defendido em outros estados africanos já independentes. Estava em jogo naquele momento as escolhas para o futuro político do país e as críticas à construção autoritária de um partido de modelo único preocupava o escritor, o qual já aparentava inconformismo, inclusive ao reservar um destino final para Sem Medo, o herói de *Mayombe*. Por outro lado, nos chama a atenção o quanto Pepetela (2017), enquanto agente do Estado angolano após a independência também contribuiu para o fortalecimento e legitimação do modelo político que se formou. Se as entrevistas, concedidas após a sua saída do partido, apontam para o descontentamento frente a uma estrutura política autoritária e os seus romances publicados na década de 1980 apontavam para a inevitabilidade dessa realidade, causa estranheza a sua permanência no MPLA até 1982, inclusive, contribuindo diretamente no combate ao Movimento Nitista (1977).

Retomando *Mayombe*, a caracterização de um cenário político em que não há alternativas políticas é reafirmado. Os erros internos do Movimento são apontados, mas dentro de uma reflexão que distingue o MPLA como a única alternativa viável frente aos demais movimentos nacionalistas, presos às questões tribais e raciais. Para o escritor, o processo de narrar a humanização do guerrilheiro e do dirigente, como indivíduos que cometem erros e acertos parece fundamental para ampliar o debate sobre o político, embora apenas no aspecto interno do MPLA. Assim, defende o desenvolvimento de uma estrutura política e social mais democrática em que as diferenças poderiam abrir espaço para a formação de um ambiente político democrático em que as críticas seriam possíveis e ajudariam a construir uma sociedade mais inclusiva. Nesse mesmo debate, Sem Medo continua: “Vocês falam tanto das massas populares e querem esconder tudo ao povo” (Pepetela 2013, 109). Ao referir-se sempre a “vocês” no início das suas frases, Sem Medo é questionado novamente pelo Comissário, que se incomoda por estar inserido nessa pluralidade. Mas o comandante rebate:

Porque fazes realmente parte dum grupo: os futuros funcionários do Partido, os quadros superiores, que vão lançar a excomunicação sobre os heréticos como eu. “Vocês” representa todos os que não tem humor, que se tomam a sério e ostentam ares graves de ocasião para se darem importância. (Pepetela 2013, 109).

Em seguida, Sem Medo faz referência ao fim da guerra e passa a narrar como seria a partir do momento em que o MPLA, como partido vitorioso, entrasse no poder. Enquanto a oposição não fosse permitida, para a consolidação do processo de independência, Angola passaria a viver em uma ditadura, mas não do proletariado e sim de um “pequeno grupo de homens” que ficariam em uma linha tênue entre um poder que representasse o povo e as ambições humanas que poderiam falar mais alto e destruir o projeto político sonhado. A desilusão com esse grupo iria ocorrer “ao constatar que na prática o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens”, e novos desafios surgiriam para o Partido, que cada vez mais se veria obrigado a se fechar e perseguir àqueles que o criticavam:

E como reagirão vocês? O povo está a ser agitado por elementos contrarrevolucionários! O que também será verdade, pois qualquer regime cria os seus elementos de oposição, há que prender os cabecilhas, há que fazer atenção às manobras do imperialismo, há que reforçar a polícia secreta, etc., etc. O dramático é que vocês terão razão. Objetivamente, será necessário apertar-se a vigilância no interior do

Partido, aumentar a disciplina, fazer limpezas. Objetivamente é assim. Mas essas limpezas servirão de pretexto para que homens ambiciosos misturem contrarrevolucionários com aqueles que criticam a sua ambição e os seus erros. Da vigilância necessária no seio do Partido passar-se-á ao ambiente policial dentro do partido e toda a crítica será abafada no seu seio. O centralismo reforça-se, a democracia desaparece. O dramático é que não se pode escapar a isso... (Pepetela 2013, III).

É interessante nessa passagem notarmos que à medida que o projeto político se consolida, presenciamos o afastamento de Sem Medo do grupo que constituirá os futuros dirigentes do país, conforme anuncia para o Comissário: “A ti vejo-te claramente, como um quadro político. A mim, não me vejo. Talvez noutro país em luta... Quem sabe se na cadeia? Não me vejo em Angola independente” (Pepetela 2013, 115). Para ele, “os quadros políticos do Movimento” (Pepetela 2013, 110) estariam ligados ao marxismo, do qual também se aproximava, mas também se distanciava por não concordar com “uma série de coisas que se dizem ou se impõem, em nome do marxismo”, por isso, considera-se um “anarquista, um sem-Partido, um renegado” (Pepetela 2013, 110), que não terá espaço nos planos políticos do movimento. Essa “série de coisas” logo em seguida vem à tona, enquanto o personagem por alguns momentos se afasta da estrutura política de cariz autoritário que já é delineada durante a guerra e que se estabelecerá no pós-independência. Entre os diálogos que aparecem nesse determinado momento da narrativa, notamos as incertezas políticas quanto a posição socialista do MPLA, as quais para Sem Medo seriam forçadas:

Não chamemos socialismo a isso, porque não é forçosamente. Não chamemos Estado proletário, porque não é. Desmistifiquemos os nomes. Acabemos com o feiticismo dos rótulos. Democracia nada, porque não haverá democracia, haverá necessariamente, fatalmente, uma ditadura sobre o povo (Pepetela 2013, 113).

A partir dessas passagens, podemos notar, durante o momento da escrita de *Mayombe*, a sua desilusão com os rumos autoritários que tomava o MPLA. Isso o fez antecipar-se sobre o cenário político que estava por vir. Todavia, cabe destacarmos novamente a participação de Pepetela na estrutura governamental do MPLA que se instaurou após a independência, fazendo parte, inclusive, de um dos momentos mais repressores do regime. Se ao personagem de Sem Medo seria reservado um final que o manteria para sempre ao lado das ideias revolucionárias, afastando-o do sistema político

que se instaurou, que para o escritor desembocaria em um sistema corrupto e autoritário, Pepetela vai atuar no Estado até 1982.

Ao nos voltarmos novamente para os debates político-ideológicos travados nesse momento, podemos notar as incertezas e ambiguidades já presentes no interior do Movimento, inclusive pelas suas lideranças. O MPLA, pautado por um discurso integracionista e globalizante, era reconhecido antes da independência pela defesa do nacionalismo, em uma narrativa ampla que tinha em comum a luta pela independência e pela construção de uma nação pluricultural. Nesse sentido, negava as diferenças raciais e étnicas que poderiam ser impeditivas para o seu objetivo. Todavia, por mais que o programa do Movimento pudesse ser visto sob a ótica do “nacionalismo revolucionário” como ressalta Mabeko-Tali, ao reconhecermos o desejo de “transformar profundamente as estruturas econômicas e sociais criadas pelo sistema colonial”, não devemos esquecer a grande diversidade de pessoas e ideias que compõem o MPLA, cada qual com uma visão diferente sobre o futuro da sociedade angolana (Mabeko-Tali 2001, 152-160). Portanto, a defesa de uma estrutura política marxista-leninista não era uma unanimidade.

É certo que muitos dos quadros-políticos do MPLA se colocaram ao lado do marxismo, mas dentro de um contexto internacional de Guerra Fria que não deve ser diminuído. No momento da guerrilha, essa relação era ainda mais modesta, construída entre aproximações e distanciamentos de acordo com os interesses políticos em jogo. Além do mais, o programa político do MPLA nunca foi claro, como podemos notar em algumas entrevistas e discursos de Agostinho Neto. Ao ser questionado sobre a opção ideológica do MPLA, Neto responde:

Há descrições esquemáticas, utilizadas para classificar os movimentos como comunistas, socialistas, etc. Mas nós pensamos que, no nosso movimento, essa classificação não é possível na fase actual. Para um simples partido, isso é possível, mas quando um movimento é constituído por povos politicamente e ideologicamente diferentes não é possível, por exemplo dizer que ele é comunista [...]. No que respeita à organização económica, dizemos que o povo angolano deve ser senhor das riquezas do nosso país, que são precisos salários justos para evitar a exploração dos trabalhadores, etc. é o que normalmente se designa por socialista. É o socialismo, porque nós não temos a intenção de permitir que alguém, angolano ou estrangeiro, explore o nosso povo (Neto 2001).

Declarações como essa foram sucessivas até a adoção do marxismo-leninismo pelo Partido em 1977. Até então, tanto Agostinho Neto quanto

outros camaradas seus buscavam se desvincular dos rótulos que lhe eram atribuídos pelos opositores políticos. Assim, quando Pepetela aborda esse debate em seu romance, ele contribui para refletirmos sobre as complexidades das culturas políticas que vigoravam naquele momento. Observando diferentes personagens aparecem as contradições e ambiguidades que formariam a estrutura política do MPLA no pós-independência. Sem Medo quer evitar rótulos enfatizados por outros, inclusive quando não contribuem para o fortalecimento da guerrilha. A partir dele também aparece a crítica sobre a natureza socialista do Movimento, que para o escritor é frágil e “populista”, pois as desigualdades sociais se manteriam enquanto o povo ainda fosse colocado à margem do poder político, e a experiência de outros movimentos revolucionários africanos lhe levavam a crer que o rumo da política em Angola estava indo pelo mesmo caminho. Neste momento, percebemos o quanto a escrita de *Mayombe* já evidenciava um descrédito quanto aos rumos do MPLA, por mais que Pepetela não tenha rompido com o Movimento junto aos que participaram da Revolta do Leste e da Revolta Ativa. Ao ser perguntado quando começou a notar que o projeto de independência no qual acreditava começou a virar utopia, respondeu:

Nunca achei nem foi uma utopia, por isso conquistamos a independência. Mas o projecto de muitos não era só isso, também era o de criar uma sociedade mais justa, e isso ainda não foi alcançado. O meu livro “Mayombe”, escrito em 1970-71 mostra que eu já começava a moderar essa esperança (Pepetela 2017).

Em um dos diálogos entre Sem Medo e o Comissário, o Comandante declara que a ditadura talvez seja necessária, não tem certeza, mas não consegue pensar em outra via, por mais que essa não seja a ideal e em seguida diz: “Sejamos sinceros conosco próprios. Não vamos chegar aos cem por cento, vamos ficar nos cinquenta. Por que então dizer ao povo que vamos até os cem por cento?” Essa posição assumida por Pepetela já demonstra o quanto o sonho de uma sociedade totalmente livre vai ficando pelo caminho, pelos anos de guerrilha.

Nesse sentido, o sistema político angolano nascia sem um debate preciso sobre “democracia” e “poder popular”, uma das principais reivindicações das oposições políticas que surgiram em 1974, “que acusavam de traição os princípios democráticos” ao enfatizarem o autoritarismo e a concentração de poder nas mãos de Neto. E como podemos perceber, esses debates já são ecoados em *Mayombe*, mediante as falas de Sem Medo. Certamente é um momento de intensa reflexão sobre os rumos políticos do movimento e pode-

mos notar, nas páginas do romance, o quanto Pepetela participa e contribui para esse debate, já existente no início da década de 1970 e acirrado nos anos 1980, quando o socialismo não é mais visto como a melhor solução.

Sem Medo é descrito como o grande herói de *Mayombe*, a partir de uma escolha narrativa próxima na qual será utilizada para heroizar o personagem Aníbal em *A Geração da Utopia*, ou seja, a heroização ocorre à medida que são colocados à margem do processo político que se estabelece durante e após a guerra. Quando se autodenomina “herético”, podemos notar as dificuldades que Sem Medo teria em fazer parte do aparelho político e da burocracia estatal, que embora achasse necessário para a afirmação do Movimento, não se reconhecia dentro dessa engrenagem, o que o aproximaria de um personagem utópico, mais desenvolvido por Pepetela por meio de Aníbal. Como afirma Alexandra Santos, presenciamos a “impossibilidade de coexistência do aparelho do poder com o individualismo e o espírito crítico personificados em Sem Medo” (Santos 2011, 84). Possivelmente, se permanesse vivo até a tomada do poder pelo MPLA, seria afastado e romperia com o governo, a partir de algum movimento de oposição ou mesmo tendo o seu destino próximo do personagem Aníbal de *A Geração da Utopia*.

Dentro desse debate, é interessante notarmos o quanto Sem Medo se recusa a ser “dogmático”, no sentido estrito do termo, ao abrir-se para questionamentos e incertezas e negar a verdade absoluta das coisas. Para ele, a definição de dogmatismo está em ser:

Rígido na sua concepção da disciplina, não vê as condições existentes, quer aplicar o esquema tal como o aprendeu. A isso chamo dogmático, penso que é a verdadeira acepção da palavra. A sua verdade é absoluta e toda feita, recusa-se a pô-la em dúvida, mesmo que fosse para discutir e a reforçar em seguida, com os dados da prática. Como os católicos que recusam pôr em dúvida Deus, porque isso poderia perturbá-los (Pepetela 2013, 159).

Ao nos voltarmos para essa passagem, torna-se compreensível a distância que Sem Medo tomará do poder político que para ele se estabelecerá após a independência, visto que não haverá espaço para a oposição, para as críticas e as dúvidas. Viver nesse estado seria inviável para o personagem que se define como um libertário, por vezes se aproximando do anarquismo e em outras flertando com o comunismo. Por isso, vai criando novas concepções políticas que o guiam, que não necessariamente se enquadram nos rótulos já dados. Um dos exemplos é como o escritor define o que é ser comunista, dentro de uma perspectiva de liberdade. Ao caracterizar um amigo seu fran-

cês, de acordo com Sem Medo, um “verdadeiro libertino”, o termo comunista era apropriado, mas não no “sentido clássico, ortodoxo, da palavra, mas no meu sentido” (Pepetela 2013, 192). E Ondina, uma personagem fundamental para a narrativa,⁵ lhe pergunta:

No de que as mulheres são coletivas?

Que ideias são essas? Isso é propaganda católica anticomunista. Para ele, toda a mulher devia ser livre de o aceitar ou de o recusar, assim como ele era livre de desejar ou não qualquer mulher. Só isso. E se houvesse consequências, cada um era livre de as aguentar. Era um comunista, não no sentido de que as mulheres são coletivas, mas no de que são tão livres como os homens livres (Pepetela 2013, 192-193).

Podemos notar que mediante esses debates novas percepções sobre a sociedade angolana se abrem. Sem Medo, como personagem, se recusa a fazer parte do projeto de uma sociedade que seja desigual, tanto entre homens e mulheres, quanto entre outras barreiras que delimitariam e enquadrariam o homem, como o fator racial e/ou étnico. Essa posição tenderia a levá-lo ao afastamento do MPLA após a independência, pois a perda de alguns valores iniciais para a permanência no poder seria inevitável e o personagem do início ao fim está ciente desse movimento, conforme esclarece uma passagem já ao final do livro. Em diálogo com Mundo Novo, um dos guerrilheiros, Sem Medo afirma:

Tu és o tipo do aparelho, um dos que vai instalar o Partido único e onnipotente em Angola. Eu sou o tipo cujo papel histórico termina quando ganharmos a guerra. Mas o meu objetivo é o mesmo que o teu. E sei que, para atingir o meu objetivo, é necessária uma fase intermediária. Tipos como tu são os que preencherão essa fase intermediária. Por isso, acho que fiz bem em apoiar o teu nome. Um dia, em Angola, já não haverá necessidade de aparelhos rígidos, é esse o meu objetivo. Mas não chegarei até lá (Pepetela 2013, 227).

Os romances de Pepetela caracterizam-se por manterem esse fio de esperança e otimismo ao final, o que podemos perceber em *Mayombe*, utilizando-se do trecho destacado. Por mais que o escritor aponte os problemas internos que já se apresentam como uma barreira para o ideal de sociedade

5 Por meio dessa personagem somos envolvidos por novas temáticas que possibilitam o questionamento do papel da mulher dentro do processo das lutas de libertação, assim como as construções de Pepetela sobre o papel da mulher e seus ideais de liberdade que iriam de encontro aos tabus da sociedade e à moral individual, pautada pela moralidade social que diferencia homens e mulheres em seus prazeres e deveres.

defendida por ele, principalmente à medida que defende o homem em sua individualidade ao reconhecer os guerrilheiros como “um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal”. Essa posição coloca em evidência as contradições e ambiguidades existentes entre Sem Medo e o MPLA, pois para ele também nasce um homem novo quando “um jovem decide construir-se uma personalidade, mesmo que isso politicamente signifique um individualismo” e na prática vá de encontro com o projeto de uma sociedade socialista. Por essa posição, Sem Medo diz que não pode pertencer a um aparelho de Estado, pois isso o limitaria.

Por outro lado, ao mesmo tempo, Pepetela, por entre a voz narrativa de seus personagens, também defende e exalta o surgimento de um *Homem Novo* nos princípios que destaca o MPLA. Ao narrar uma ação que ocorreu sob o apoio de um grande número de homens, o Comandante Sem Medo afirma:

É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confucionistas, mas todos esquecem as makas e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação (Pepetela 2013, 203).

Esse grau de solidariedade que para o Comandante seria inato aos angolanos é o que colocaria fim às diferenças que seriam um impeditivo para a construção de uma nação e de um Estado angolano após a independência. Portanto, se compreendemos a importância dos fatores étnicos e “tribais” para a construção de um projeto nacionalista, cabe aqui salientar o quanto a defesa de um projeto nacional defendido nas páginas de *Mayombe* estava concatenado ao projeto de poder do MPLA. Nesse sentido, como nos chama a atenção Alexandra Santos, o adjetivo “tribal”, utilizado ao longo de toda a obra, para caracterizar a existência de diversos grupos sociais em Angola busca desqualificar e desvalorizar as diferenças existentes ao “sugerir uma forma primitiva e rudimentar de organização social” (Santos 2011, 61). Em diálogo com essa interpretação, Sem Medo, personagem principal e o grande herói do romance, se mantém afastado desses debates étnicos que eram frequentes entre os guerrilheiros.

Ao nos voltarmos para a história narrada do militante André, podemos perceber o grau de distanciamento e aproximação com os debates políticos frequentes do período. André era um dos responsáveis da base militar da guerrilha e de origem kikongo, ao contrário de Ondina, com quem teve um caso,

que era namorada do Comissário político, um quimbundo. Essas características não seriam importantes para Sem Medo, todavia os conflitos que a origem étnica ainda geravam no interior do movimento fazia-o refletir sobre esse caso. André já não era muito benquisto pela grande maioria dos guerrilheiros, pois era o responsável pela comida que andava em falta, e além disso, é por meio dele que também conhecemos os favorecimentos já existentes entre os militantes, pois era de conhecimento que ele dava dinheiro às escondidas a homens próximos seus quando chegavam a Dolosie. Portanto, é justamente por ser um personagem com caráter duvidoso que este se aproxima e se identifica com as questões tribais, com as diferenças de classe e com a permanência do clientelismo na política atual:

A plebe é toda igual, não merece confiança, o responsável para ela só vale enquanto lhe pode trazer benefícios. Por isso o meu pai, que era soba, gastava tanto dinheiro a distribuir pelos seus homens. Ele bem sabia que se não o fizesse perderia a força. O meu erro foi esquecer esses ensinamentos elementares.

No fundo, no fundo, quem se vai tramar é o Sem medo. Eu irei para outro sítio onde subirei na mesma: há tal falta de quadros que quem tem um olho é rei. Ele ficará aqui com todos os problemas, agora agravados. Sem Medo é apenas um lobinho, eu sou um lobo experimentado, sei o que digo (Pepetela 2013, 170-171).

A passagem acima se refere ao momento em que André é pego pelos outros militantes para ser julgado contra o seu crime de traição por ter se deitado com a mulher do Comissário. Percebemos a partir da sua fala que independente do modelo político que se estabeleça em Angola, homens como André sempre terão espaço e privilégios, mantendo-se no poder político. São essas constatações que levarão Sem Medo a se afastar, paulatinamente, colocando-se como um utópico diante da inevitabilidade política, inclusive pelo fato de a corrupção ser narrada como um problema que atinge todos os homens:

Os traidores impediram a luta de crescer. Traidores de todos os lados. É mentira dizer que são os kikongos ou os quimbundos ou os umbundos ou os mulatos que são os traidores. Eu vi-os de todas as línguas e cores. Eu vi os nossos próprios patrícios que tinham roças quererem aproveitar para aumentar as roças. E alguns colaboraram com a Pide (Pepetela 2013, 185).

Além disso, dentro desse quadro político traçado por Pepetela, notamos também o desfavorecimento de outros grupos que estavam envolvi-

dos na guerrilha pela independência, como a UPA (União das Populações de Angola) e a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), ligadas à concepções étnicas e por isso diminuídas na disputa política. O MPLA aparece ao longo do livro como um movimento de todos, enquanto a UPA aparece apenas ligada ao massacre de 1961, como um grupo desorganizado e primitivo. Quando um dos militantes, o chefe das operações, é chamado à narrativa, este apresenta-se como um filho de camponês em comparação a Sem Medo e ao Comissário, intelectuais que lhe trouxeram o “sentido das palavras” sobre os ataques às roças de colonos do quais participou. Mediante o distanciamento e o conhecimento, agora ao lado do MPLA, o Chefe de Operações afirma:

Vim para o Congo e no MPLA aprendi a fazer a guerra, uma guerra com organização. Também aprendi a ler. Aprendi sobretudo que o que fizemos em 1961, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus, era talvez justo nesse momento. Mas hoje não pode servir de orgulho pra ninguém. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político. Percebo o sentido das palavras, ele tem razão, nisso ele tem razão (Pepetela 2013, 209).

Conclusão

Nesse sentido, temos a legitimação do MPLA, exaltado entre as páginas de *Mayombe* como o grande guia para uma Angola independente. Por mais que os problemas existissem, como a política de favorecimentos, as disputas entre os intelectuais, assim como o acirramento entre o homem urbano e o camponês, e alguns deles ainda pudessem persistir no pós-independência, seguir o MPLA é visto como o único caminho possível. A luta contra o colonizador deve ser indissociável desse projeto. Por isso, Alexandra Santos defende que “todo discurso de Sem Medo é atravessado pela incapacidade de imaginar futuros alternativos, como se não houvesse qualquer opção quanto à imposição de um regime autoritário em Angola” (2011, 101).

É interessante ainda notarmos o quanto esse discurso está amparado em um debate mais amplo, no qual aponta para as aproximações complexas entre a sociedade e o Estado no pós-colonial. Ao afirmar que o avanço da independência implicava na “concentração da autoridade e não na dissipação das forças”, renegando uma ideologia democrática, Augusto Nascimento, em análise às relações políticas em São Tomé e Príncipe após a independência do país, chama a atenção para a difusão de ideias desculpabilizantes para justificar as novas formas de dominação que foram impostas pelos partidos dentro

de um sistema monopartidário. Inclusive, a abstenção de alguns intelectuais nesse debate contribuíram para reduzir o político, pois o desenvolvimento e modernização do Estado estariam necessariamente ligados às práticas autoritárias diante de um momento histórico delicado em que o principal inimigo continuava a ser o outro, ora representado pelo colonizador, e ora, representado pelas outras frentes nacionalistas opositoras, quando assim fosse conveniente (Nascimento 2010, 160).

Mediante os discursos presentes nas narrativas de Pepetela podemos conhecer um pouco as tensões que cercam os debates políticos do período em que os romances foram escritos. Em *Mayombe*, o intelectual, ainda muito próximo do MPLA, legitima as escolhas políticas do movimento, que seriam para ele restritas, visto as necessidades impostas pelo período histórico. Todavia, se em *O Cão e os Caluandas* já avistamos uma narrativa que denuncia os casos de corrupção e clientelismo que se instalou como modelo político no país, é a partir de *Geração da Utopia* que fica claro o quanto o projeto político sonhado nos tempos de guerrilha não é mais uma via possível dentro de uma estrutura política que já foi arruinada. Contudo, é interessante ainda notarmos o quanto Pepetela recria esse panorama político, mostrando a cobiça de homens predadores, mas também a permanência da utopia em alguns personagens que aparecem cada vez mais distantes do regime político que se estabeleceu no pós-independência.

Cabe ainda sublinhar o quanto o Estado no período de Mayombe é o Estado colonial e como podemos já observar que em meio ao caos da guerrilha já se desenvolvem micropolíticas autônomas ao poder desse Estado. Estas têm a ver com uma lógica interna própria, a partir de fatores que movem o político na sociedade angolana e vão contribuir para as complexidades que cercaram a formação do estado pós-colonial.

REFERÊNCIAS

- Antunes, Gomes Catarina. De como o poder se produz: Angola e as suas transições. 2009. Coimbra. Tese de Doutoramento em Sociologia. Faculdade de Economia/ Universidade de Coimbra
- Bittencourt, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. 2010 In: Reis, Daniel Aarão; Mattos, Hebe; Oliveira, João Pacheco; Moraes, Luís Edmundo de Souza Moraes; Ridenti, Marcelo (org). Tradições e modernidades. Rio de Janeiro: Editora FGV

- Bittencourt, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. 2015 In.: Ferreras, Norberto O. (Org.) A questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América Latina e África. Rio de Janeiro: FGV
- Mabeko-Tali. Dissidências e poder de Estado. 2001. O MPLA perante si próprio. (1962-1977), V.2. Luanda:Nzila
- Maria, Adolfo, Entrevista concedida a Fabio Baqueiro Figueiredo, Lisboa, 9 fev. 2011.1 In.: Figueiredo, Fábio B. 2012. Entre raças, tribos e nações: Os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos. Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2012.
- Pepetela. Entrevista concedida a Luara Pinto Minuzzi. 2017. Em Navegações. v. 10, n. 1, p. 84-96, jan.-jun
- _____. Mayombe. 2013. São Paulo: Leya
- _____. Geração da Utopia. 2013a. São Paulo: Leya
- Santos, Alexandra Dias. Nação, Guerra e Utopia em Pepetela (1971-1996). 2011. Tese de doutorado apresentada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Vidal, Nuno. O MPLA e a governação: entre internacionalismo progressista marxista e pragmatismo liberal-nacionalista. 2016 In.: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v.42, n. 3, p.815-854, set-dez

RESUMO

Com a independência de Angola em 1975, se solidificou uma estrutura política em que o Estado/MPLA passou a ser o principal meio para a distribuição de benefícios e privilégios, contribuindo para o fortalecimento de uma política autoritária e patrimonialista. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo partir do romance *Mayombe* (1980), do escritor angolano Pepetela, para analisar o processo político em Angola em sua contemporaneidade. Compreende-se que as estruturas de poder existentes em Angola após a independência, já aparecem desenhadas nesse romance, tecido ainda na guerrilha. Do mesmo modo, aparecem os debates acerca da nação e identidade propaladas em meio ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Parte-se do pressuposto de que as contradições, ambivalências e acomodações de interesses presentes entre a sociedade angolana e o Estado já estavam sendo estruturadas internamente antes mesmo da independência.

PALAVRAS-CHAVE

Pepetela; Angola; Mayombe.

Recebido em 11 de fevereiro de 2020

Aceito em 15 de março de 2020